

LITERATURA

OLAVO ROMANO

VANESSA CAMILA DA SILVA

Para Olavo Romano, escrever é uma relação pessoal. Sua prosa viva e sensível consegue trazer para bem perto das pessoas a relação do sarau, das lembranças de encontros informais em torno de um fogão a lenha, onde as pessoas podem conversar olhando nos olhos e sentir o calor de momentos preciosos que seus casos conduzem.

Olavo Romano nasceu em Morro do Ferro, distrito de Oliveira (MG), no dia 06 de setembro de 1938. É o segundo filho entre os 15 de Demosthenes Romano e Waldete Viana Romano.

Ainda garoto, veio para Belo Horizonte, ao final de 1955, completar os estudos. Na nova cidade, formou-se em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); fez Mestrado em Administração na Fundação Getúlio Vargas; participou de programas e projetos no Banco Mundial; fez carreira no Serviço Público, foi professor de Administração e Inglês; aposentou-se como Procurador do Estado e hoje é membro da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira 37.

O gosto e prazer pela leitura vieram ainda criança, época em que sempre buscava nesse hábito a explicação para as pessoas e a compreensão de como as coisas funcionavam. No grupo escolar, em todas as festas que havia, Olavo era escalado para discursar e, aos nove anos de idade, publicou uma charada no "Sesinho", revista do SESI (Serviço Social da Indústria), onde viveu a primeira experiência de ter seu nome publicado.

A leitura constante de livros e jornais era um hábito obsessivo; lia sempre os livros que tinha em casa e o jornal que seu pai assinava, que demorava três dias para chegar em casa, isso por morar em uma região muito isolada de Belo Horizonte. No entanto, esse fato não era empecilho para o pequeno leitor, que lia as notícias de três dias atrás sem problema.

Seu contato com a literatura foi surgindo modestamente. Ainda no ginásio escreveu um texto para o jornal da escola, dando início a futuras publicações. Já na faculdade como estudante de Direito publicava alguns textos para o jornal da faculdade e, aos poucos acabou assumindo a direção do veículo.

Leu muitos clássicos como Machado de Assis, Humberto de Campos e se reconhecia quando lia Mário Palmério e Guimarães Rosa, que é a sua grande paixão. Na década de 70, publicou alguns textos poéticos no "Estado de Minas" e no "Jornal de Casa", seus primeiros textos como escritor. Depois de algum tempo, em julho de 1978, realizando atividades como Superintendente Educacional, começou a refletir sobre a sua vida, próximo a completar 40 anos, percebeu que havia feito muitas atividades, mas ainda não tinha escrito o livro que sempre pensou em escrever.



LITERATURA

OLAVO ROMANO

VANESSA CAMILA DA SILVA

Muitos casos de Minas

Idéias na cabeça e repertório não faltavam para o escritor, que iniciava o momento em que se propôs a concretizar um objetivo que era começar escrever profissionalmente. Pensou em dar início a um grande romance, mas, seria um objetivo muito amplo como iniciante. 'Grande Sertões: veredas' não foi o primeiro livro de Guimarães Rosa, 'Cem Anos de Solidão' não foi o primeiro livro de García Márquez, todo o mundo começou, como se diz mineiramente, tomando sopa pelas beiradas", relata Olavo Romano.

A percepção e a vontade de escrever começavam a dar rumo ao seu desejo. O primeiro passo foi descobrir que ele realmente almejava falar de Minas, dos mineiros, contar as histórias que ouvia quando menino na roça, contar os causos do Brasil rural. Decidido a escrever as histórias e os casos do povo mineiro, Olavo Romano voltou a Morro do Ferro para realizar pesquisas e reunir alguns casos. Chegando lá, se surpreendeu com o que ouviu, conforme conta: "Quando cheguei em Morro do Ferro, uma pessoa falou assim: 'Eu te vi na televisão, quando eu chamei o pessoal, você já tinha ido embora'. Eu falei: 'poxa vida, a televisão chegou aqui, então agora as pessoas não vão mais colocar as cadeiras na porta para ficar conversando, agora essas pessoas ficarão em frente à televisão e, com o passar do tempo, os velhos morrem, os jovens saem para procurar trabalho e, com isso, um monte de coisas e causos que têm por aqui se perderão".

Os personagens e as histórias que o autor tinha ouvido quando criança pareciam estar ameaçados pelas novas tecnologias, e suas vozes que poderiam se calar com o passar do tempo. Muitas daquelas pessoas não estariam presentes para contar os causos, sua cultura e tradição que são fortes e perpassam na história e cotidiano de todo povo mineiro, que ainda mantém viva essa tradição de contadores de histórias.

No entanto, registrar essas histórias e divulgar essa tradição era sua motivação. Olavo Romano percebeu que realmente desejava falar de Minas, porque mineiro fala da vida, e suas alegrias, tristezas, do universal e dos sentimentos do mundo contando caso. Com um caderno grande nas mãos, o escritor e, naquele momento, garimpeiro de causos, começou a se reunir na casa de amigos em Morro do Ferro. Tudo o que ouvia era anotado em seu caderno, que ia se enchendo de cada história e caso que poderiam ficar esquecidos caso tardasse um pouco mais para começar a anotar.

Seu estilo bem mineiro de escrever os casos marca sua prosa, que consegue aproximar as pessoas, descrevendo toda uma herança pessoal de um patrimônio imaterial e cultural de um povo que conta vários causos. Ele consegue narrar de forma carismática lugares, pessoas, acontecimentos, unindo passado e presente no tempo.



LITERATURA

OLAVO ROMANO

VANESSA CAMILA DA SILVA

Foi em 1979, quando trabalhava na Secretaria de Planejamento, por coincidência ou por uma daquelas coisas do destino, como alguns mineiros gostam de dizer, que Olavo Romano conheceu o empresário Fernando Gaspariam, dono da editora Paz e Terra.

Modestamente, como um bom mineiro, criou coragem e entregou para Fernando Gaspariam meia dúzia de cópias dos textos. Passado um tempo, Gaspariam ligou para Olavo e perguntou: "Cadê o livro?" Lançado o convite, Olavo Romano começou a reunir todos os casos e histórias que veio escrevendo e publicando em jornais, surgindo o primeiro livro, "Casos de Minas".

"Casos de Minas" teve dois lançamentos: o primeiro em Morro do Ferro, sobre o que o próprio escritor fala: "Fui lá tomar bênção primeiro". O lançamento na cidade reuniu, no grupo escolar de Morro do Ferro, alguns personagens e pessoas que contam histórias e que de certa forma, faziam parte daquele livro. Posteriormente veio para Belo Horizonte fazer o lançamento no Museu Histórico Abílio Barreto.

Olavo Romano surpreendeu-se com a repercussão do seu livro, que esgotou sua primeira edição em três meses. Seus casos começavam a ser adaptados para o teatro e o escritor via sua obra sendo reconhecida na vida das pessoas, que se identificavam com suas histórias.

A sensação do primeiro livro começava a dar eco na literatura e na vida do escritor: "A emoção do primeiro livro é como a emoção do primeiro filho, é incomparável, cada espera é uma espera, cada gestação é uma gestação. Não tem nenhuma ambigüidade no que eu vou falar, mas a pessoa que trabalha com arte, tem a experiência da gravidez, quer dizer, a única chance de um homem saber o que é a gravidez é trabalhar com arte. Eu falo pela literatura, é como se você fosse tomado durante um tempo por alguma coisa que está em você, mas que não é sua, que você vai fazer nascer e, quando nascer, vai seguir o seu caminho. Cada livro tem uma história, uma trajetória, uma origem e você têm que deixar acontecer", conta Olavo Romano.

Mineiro Bom de Prosa

Como um bom contador de histórias e escritor, Olavo Romano não ficou apenas no primeiro livro; os casos que reuniu ao longo de pesquisas e muitas conversas foram posteriormente transformados em outras gestações. Após o primeiro livro "gestação", "Casos de Minas" (Paz e terra, 1982), escreveu mais três livros de casos que focalizam a fala, o jeito e a vida do interior mineiro: "Minas e seus casos" (Ática, 1984), "Dedo de prosa e "Prosa de mineiro" (Lê, 1986).

LITERATURA

OLAVO ROMANO

VANESSA CAMILA DA SILVA

São livros que contêm alguns textos previamente publicados no jornal "Estado de Minas", com a temática dos causos mineiros. Posteriormente escreveu "Um presente para sempre" (Atual, 1990), baseado na experiência de um sobrinho que queria ter um bichinho de estimação, "Os mundos daquele tempo" (Atual, 1988), a memória de um suposto amigo do escritor do interior, que se mistura com as suas próprias experiências.

Na coleção "Olhar de bicho", organizada pela editora Dimensão em 2002, na época da Ecolatina (Conferência Latino americana sobre meio ambiente), o escritor teve uma participação singular: em alguns pontos de Belo Horizonte foram instaladas nove esculturas gigantes de animais que representavam a fauna brasileira. Olavo Romano "adotou" o jacaré "instalado" no bairro Lagoinha, e escreveu o texto "Memórias meio misturadas de um jacaré de bom papo" (Dimensão, 2002), um estilo próximo ao cordel.

Mais tarde foram surgindo livros institucionais como: "Para Além da Cidade Planejada" (1997), livro que enfoca o Colégio Magnum e a região nordeste da Capital, "Mestres Minas Ofícios Gerais" (Sebrae, 2000), que faz um resgate cultural do artesanato em Araxá; "Pés no Caiçara, um olhar sobre a Pampulha" (2003), escrito para o Shopping Del Rey; " Iluminando os caminhos de Minas" (2005), que conta os 50 anos da CEMIG; Com o texto "Caminhos de JK- na Vida, na Política, na Cultura" participa do Livro "JK Cinquenta anos de Progresso em cinco anos de Governo" (Mercado Comum, 2006), "Esculápio a Mercúrio, a cura que transita" (2006), livro referente aos 35 anos da Labtest; "São Francisco rio abaixo" (2006), onde o escritor faz o que ele chama de "legendas poéticas", que são textos abrindo cada segmento do livro de arte e fotografias, em parceria com o fotógrafo José Israel Abrantes. Atualmente vem trabalhando em um novo livro, título provisório "Retratos de Minas", sobre o qual o escritor declara ser uma experiência nova e diferente, tendo o livro uma linguagem mais concisa e poética. Algumas de suas obras foram adaptadas para o teatro, um dos seus textos gerou um curta-metragem que foi selecionado para o festival de Gramados em 2001, participou do quadro "Prosa Arrumada", do programa Arrumação, veiculado pela Rede Minas. Em todos os seus trabalhos, quer na literatura, teatro ou cinema, uma marca fica: a linguagem terna e clara que narra a memória e a alma do um povo mineiro.